

O Estaleiro-Museu José Lopes Gaio-Moita

PEDRO VASCONCELOS*

RESUMO

O “Estaleiro-Museu José Lopes” é o nome do projecto de conversão e animação do velho estaleiro pertencente à empresa Estaleiro Naval Lopes & Lopes, Lda. com o apoio de diversas entidades públicas e privadas.

Quem é “José Lopes”? O que ainda é o estaleiro e em que tipo de museu se pode transformar com o espólio existente, e a adquirir, para a exposição permanente a abrir ao público é o ponto fundamental deste artigo.

Apresentam-se assim as duas grandes áreas temáticas: Construção Naval e Embarcações. Esta última com realce para a colecção de unidades reais a manter na praia fluvial do Gaio. Importa ainda destacar as paisagens a preservar, considerando os “destroços” como importantes unidades museológicas.

O projecto inclui também um restaurante preocupado com o tempo e a qualidade e uma biblioteca temática, com ligação à Internet, disponível para o acesso da população local. Finalmente, termina com referências às Festas Tradicionais e a um Festival Náutico que se pretende organizar de dois em dois anos.

FAZER LEME...

O som do malhete do calafate impõe-se no calor da tarde. Teima em se sobrepor ao barulho das máquinas eléctricas que ali mesmo ao lado guincham e cortam a direito. Parece uma metáfora, mas não é. Observo este confronto de longe; estou em cima da velha cabrilha onde em tempos se montavam os mastros nas fragatas do Tejo que se vinham recolher ao Gaio. Este confronto sinto-o com um certo sentimento de urgência, uma dor que tem de ser cuidada, tratada. O Estaleiro do Gaio, como tantos o conhecem, aproxima-se dos seus últimos dias. Pelo menos na sua actividade de construção naval tradicional. Morrem aos poucos os últimos carpinteiros de machado e até a madeira já não é o que era; já ninguém se preocupa em cortar um pinheiro manso em noite de lua cheia em pleno Verão de Agosto, ou na lua de Janeiro. E muito menos passam as madeiras pela salga, uns tempos largos, até ganharem a resistência ao bicho.

Esta é a triste realidade para quem quer manter as embarcações tradicionais. Mas não é só o lado prático que nos deve preocupar; é a nossa memória que se apaga debaixo do chinfrim da serra eléctrica, da silicone e do

ABSTRACT

The Shipyard-Museum project named “Estaleiro-Museu José Lopes” follows a conversion and animation process applied to the old shipyard that belongs to the company Estaleiro Naval Lopes & Lopes, Lda and it will stand thankfully to the support of several private and public institutions.

The man beyond the story, what still exists and how it can be converted to a live museum with its collection that will be opened to the public is the main point of this article. Two main areas are explained: Naval Building and Ships. Concerning the Ships the article makes a call to the landscape due to the old ships lying in the river banks that must be preserved.

The project includes a Slow Food Restaurant, a Librarie and has a particular worry about giving access to the Internet for the local population.

It ends with references to the traditional festivities and the organization of a bi-annual old boats regatta.



Fig. 1 - José Lopes visita uma exposição na Nazaré.

verniz sintético. E o sentimento de urgência volta a fazer-se sentir: é preciso preservar o pouco que nos resta! Não podemos baixar os braços. O Navio ainda não chegou a bom porto. E para bem acostar há que fazer leme!

* Marinheiro, escritor e empresário, é o coordenador do Projecto “Estaleiro-Museu José Lopes”.
(www.imagine.pt/pv/barcos) Rua de São Ciro, 56, 1º 1200-831 Lisboa Telefone 916548634 E-Mail barcostradicionais@vizzavi.com

O “Estaleiro-Museu José Lopes” é o nome do projecto de conversão e animação do velho estaleiro pertencente à empresa Estaleiro Naval Lopes & Lopes, Lda. Talvez um novo espaço de museu, de certeza um sítio onde se poderão expor as peças antigas e contar as histórias de quem trabalhou e criou embarcações que ainda hoje nos fazem sonhar. O primeiro passo foi dado a 4 de Abril de 2005 quando tive a honra de apresentar, em nome do Mestre Lopes, uma proposta à Câmara Municipal da Moita. Um desafio que contemplava um conjunto de actividades com vista à animação social da zona onde se encontra o estaleiro; à defesa do património marítimo; à observação da natureza e à manutenção e utilização de embarcações tradicionais.

Mas, acima de tudo, todo o projecto é uma homenagem ao homem que durante mais de 70 anos viveu com intensidade e paixão a arte da construção naval: José Lopes.

QUEM É “JOSÉ LOPES”?

José Lopes nasceu há 84 anos, a 3 de Agosto de 1920. Começou a ir para o estaleiro do pai ao sete anos e foi como seu servente que aos 13 anos iniciou a sua aprendizagem, depois de ter feito a quarta classe com 10 anos. Aos poucos foi aprendendo as artes do carpinteiro de machado e de pintor. Mais crescido, começou a tocar banjo e a gostar de competir em corridas de bicicleta. Mais tarde, aprendeu a tocar saxofone. Partiu para Cabo Verde como militar. Embarcou a bordo do “Mouzinho” a 25 de



Fig. 2 - José Lopes retocando a pintura de uma embarcação no seu estaleiro.

Julho de 1941 e prestou serviço durante dois anos. Adoentado, só voltou a trabalhar no estaleiro uns meses depois do seu regresso. Conheciam-no na região pelo “Zé do t’Xico”. Nessa altura o estaleiro do pai Francisco Lopes ainda era no Rosário. Tinha sido de Francisco Henriques Berardo, que viria a ser o sogro de José Lopes. José Lopes casou com Maria Luiza Raimão Berardo em 1947 e tiveram dois filhos; Cibéle Raimão Lopes e João Fernando Raimão Lopes. Aos 36 anos, José Lopes tomava as rédeas do estaleiro, já no Gaio do Rosário e desde então passaram pelas suas mãos as mais belas embarcações do Tejo e não só.

José Lopes é um marco vivo desta memória a preservar.

O ESTALEIRO

O actual estaleiro situa-se na praia fluvial do Gaio, na Freguesia Gaio-Rosário, Concelho da Moita e pertence à empresa Estaleiro Naval Lopes & Lopes, Lda.

Mantém uma actividade diminuta de construção naval, mas apesar das dificuldades tem uma intensa actividade de prestação de serviços de manutenção em embarcações. Não é difícil perceber que reúne as condições ideais para actividades de restauro de aprestos antigos.

As instalações do estaleiro situam-se numa concessão da Administração do Porto de Lisboa. O conjunto de velhos edifícios é constituído por um pequeno escritório, um grande barracão de ferramentas e palamentas, duas oficinas com máquinas de carpintaria e dois anexos de aprestos. A empresa tem ainda em aluguer um pequeno prédio a que vulgarmente chamam “balneário” por ser aí que os operários se lavavam e deixavam os seus haveres durante o dia de trabalho.

Todos estes espaços podem ser convertidos para uma utilização museológica, com salas de exposição, reservas e ainda restaurante. Uma “casa-abrigo” para visitantes de fim-de-semana que venham participar nas actividades de turismo cultural, pode igualmente ser considerada no pequeno prédio.

O MUSEU

Existe um pequeno espólio no estaleiro actual que pode e deve ser restaurado para ser exposto. Há igualmente uma colecção de recortes de imprensa e de fotografias, que foram acumuladas ao longo de todos estes anos e iconografia que foi sendo publicada, inclusive em edições espanholas e francesas.

À medida que as ideias iam tomando forma, e a vontade de transformar o estaleiro em um museu foi crescendo, houve conversações com dois grandes colecionadores que manifestaram desde logo a possibilidade de emprestarem e mesmo mais tarde oferecerem parte das suas colecções, caso o projecto vingasse.

O conjunto destes espólios será a parte fundamental da exposição permanente, que ficará aberta ao público.

Neste sentido foram definidas duas grandes áreas: Construção Naval e Embarcações.



Fig. 3 - José Lopes na Nazaré.

Construção Naval

Homenagem directa a Francisco Lopes e memorial do estaleiro do Rosário a Francisco Henriques Berardo. Apresentação das artes de cada ofício, as suas ferramentas e os materiais com que se trabalhava, levando o visitante a conhecer o acervo de fotografias, a exposição de ferramentas e aprestos náuticos e mesmo a ter contacto com alguns dos materiais da construção naval tradicional; gráficos explicativos e documentação reforçam o percurso.

Alguns documentários em vídeo estarão em permanente exibição.



Fig. 4 - José Lopes observa molde para uma antepara da embarcação “NovaAlcácer”.

Embarcações

A área de embarcações começa na exposição permanente de maquetas, oferecidas e a adquirir pelo museu e passa à exposição de planos e desenhos, terminando na exposição de unidades reais na praia. A colecção que se encontra na praia terá algumas embarcações que podem ser utilizadas nas actividades dinamizadas pelo museu ou seus parceiros. Eventualmente os exemplares mais delicados deverão ficar recolhidos no interior do estaleiro.

Não resisto a dar alguns exemplos de embarcações que poderão estar em exposição permanente na praia do estaleiro sobre as quais já se vislumbram acordos possíveis de serem firmados com o “Estaleiro-Museu José Lopes” e os respectivos proprietários:

Pequenas embarcações

- Cairaio “Canoa do Tejo” (por acordo com o proprietário);
- Canoa “Benfica” (por acordo com o proprietário);
- Bateira de avieiro (por acordo com o União Desportivo Vilafranquense de Vila Franca de Xira);
- Caçadeira de avieiro “João Rafael” (por acordo com o Projecto Palhota Viva);
- Aiola de Sesimbra (por acordo com o Museu de Sesimbra);
- Saveiro de Aveiro (por acordo com os Amigos da Ria);
- Dori do bacalhau “O Troia” (por acordo com o proprietário).

Grandes embarcações

- Varino “Boa Viagem” (por acordo com proprietário);
- Bote “Pombinha” (por acordo com proprietário);
- Bote do pinho “Sejas Feliz” (por acordo com proprietário);
- Galeão do sal “Nova Alcácer” (por acordo com proprietário);
- Fragata “Benvinda Primeira” (por acordo com proprietário - destroço);
- Fragata “Blandina Malacuto” (por acordo com proprietário - destroço).

Estes dois últimos já fazem parte de uma paisagem envolvente a preservar.

É de salientar que não existe actualmente um ancoradouro “oficial” de embarcações clássicas tradicionais com condições para que passem o Inverno e onde possam ser visitadas condignamente. Normalmente, nos meses frios, as Câmaras Municipais e outros proprietários levam os seus barcos para os estaleiros do Talamino e de Sarilhos Pequenos para reparações e para invernares, ou seja, ficam indisponíveis para o grande público e só nos meses de Primavera e Verão é que os barcos voltam para os seus ancoradouros de origem. A ideia aqui, é a de criar condições ideais para que após as suas reparações as embarcações possam estar em condições de serem visitadas; o Gaio presta-se a esta actividade com a simples construção de passadiços e de elementos museológicos que completem a visita apresentada por um guia-arrais.

O RESTAURANTE

É um factor dinamizador e fonte de rendimento regular para o “Estaleiro-Museu José Lopes”. Local onde se podem receber as escolas antes das visitas de Inverno. Local onde se reúnem as pessoas das aulas de formação, sobretudo aos fins-de-semana. Ponto de partida para os passeios organizados na região. É também e sobretudo um espaço lúdico, de encontro com a paisagem, a gastronomia e a cultura locais representando, pois, uma tomada de posição em relação a uma certa qualidade de vida e a uma cultura do “Mar da Palha”, que se deseja defender.

Para comer devagar, imaginamos paredes caiadas de branco, apenas com fotografias a preto e branco de barcos tradicionais portugueses. Os aprestos marítimos nas paredes serão escolhidos com o acordo expresso do “Estaleiro-Museu”. O chão de terra batida, mesas de tábuas com toalhas brancas, bancos de madeira corridos. A iluminação da “sala” deve ser natural durante o dia e suave e baixa de noite. A “sala” destinada à restauração deve estar próxima da cozinha. A cozinha, moderna, de paredes brancas de tinta lavável, chão completamente coberto de azulejos brancos ou cinzento claro, móveis de inox e equipamento de hotelaria conforme a lei vigente, deve reforçar a ideia de qualidade e exigência para elevar a ementa declaradamente “étnica”, ou seja, o empresário que concessionar o restaurante terá de comprometer-se a manter um certo número de pratos que antecedem os restantes que queira implementar. A caldeirada de peixe, o ensopado de enguias e as enguias e lulas fritas, os escabeches e as ovas e as ostras grelhadas. Tudo acompanhado de pão caseiro, de queijo tradicional e de vinho escolhido.

BIBLIOTECA E INTERNET CAFÉ

Enquanto se espera por um amigo haverá oportunidade para visitar a biblioteca náutica. Nesse espaço estão previstos dois computadores ligados através de ADSL na rede do “Estaleiro-Museu” e serão disponibilizados à consulta pública, gratuita para os clientes do restaurante e membros dos “Amigos do Estaleiro” e com um valor simbólico para os residentes do Gaio. Todo o projecto estará “online”.

PASSEIOS: TURISMO CULTURAL

O “Estaleiro-Museu” estará em condições de concretizar acordos com diversas empresas que já manifestaram o seu interesse em realizar diversos tipos de passeios e ocupação de tempos livres tendo como ponto de partida o Gaio.

Passeios de bicicleta; visitas à fauna ornitológica; saídas de barco à vela (tradicional e de vela ligeira); saídas a remo em catraio, aiola e dori; passeios de canoagem.

Cursilhos de arte de marinheiro, iniciação ao trabalho de carpinteiro e outras actividades que deverão ser organizadas no “Estaleiro-Museu” por terceiros, integram o que genericamente se chama “Turismo Cultural”.

EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

As exposições devem ser regulares e divididas em duas partes. As artes do mar e a exposição de obras de arte contemporânea, particularmente sobre o tema marítimo. Artistas como Yvon Le Corre serão convidados.

A lista é grande e a maior dificuldade será a escolha e financiamento de cada exposição, apesar de se poder considerar, como fonte de financiamento, uma comissão a favor do “Estaleiro-Museu” pela venda de cada obra.

FESTAS TRADICIONAIS

As festas tradicionais da área da Moita são motivo dinamizador do estaleiro, havendo algumas festas que embora em declínio e em vias de desaparecimento podem

ainda ser recuperadas como é o caso da Queima do Judas (Sábado antes do Domingo de Páscoa). A procissão de barcos da festa de Nossa Senhora da Boa Viagem será um ponto alto na vida do “Estaleiro-Museu” e a altura ideal para o festival náutico.

FESTIVAL NÁUTICO

Em França realizam-se, de dois em dois anos, o encontro de Douarnenez e, de quatro em quatro, o encontro de Brest. Já houve anos em que se ultrapassaram as mil embarcações presentes e recebem participantes de todo o mundo. Chega mesmo a haver a presença de “Tall Ships”. Há diversos acontecimentos em paralelo, nomeadamente um concurso de canções de marinheiros e um grande festival gastronómico.

É neste sentido, com as devidas ressalvas e proporções que se pretende organizar o grande encontro do Mar da Palha, onde será inserida a regata bianual Henrique Cabeçadas.

O evento poderá consistir em três regatas (três percursos diferentes, conforme o calado das embarcações sendo que o maior número deverá concentrar-se no Gaio do Rosário), um concurso de melhor embarcação tradicional portuguesa, um concurso de melhor embarcação tradicional estrangeira, um concurso de documentários de televisão, um concurso de maquetes, um concurso gastronómico.

Deve ser um evento coordenado com as datas de Douarnenez, permitindo assim aproveitar a vinda de alguns navios, ou a partida deles em relação ao festival francês. Deve ser um encontro internacional promovendo a vinda de embarcações por terra, o que não é problema para os seis a oito metros e não impossível para os doze metros com menos de três de boca. Todos os outros terão de vir até ao Tejo por mar.

Com o trabalho e a dedicação de um já elevado grupo de pessoas, acreditamos que em quatro a cinco anos será possível conseguir que os objectivos aqui sumariamente explicados venham a ser uma realidade, permitindo que a memória da madeira, do ferro, do algodão e da estopa possam resistir mais uns tempos e assim...

... chegar a bom porto.



Fig. 5 - Sentado num dori, José Lopes planeia o restauro do Dori “O Tróia”.